

Salgueiro: a arte de cantar, dançar, batucar e brincar sambas-enredo afro-brasileiros

Vítor Gonçalves Pimenta¹
Universidade Federal Fluminense

Resumo: Neste artigo, investigo o samba-enredo como artefato incorporado pelo corpo da comunidade da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro na cidade do Rio de Janeiro. A comunidade configura-se como um grande grupo de corpos, que se subdivide nas diversas alas que compõem a agremiação. A comunidade é formada pela ala das baianas, a ala da Velha Guarda, os três casais de mestre-sala e porta-bandeira, a ala dos/as assistentes, a ala da bateria, ala dos compositores, as alas que contam o enredo da escola, os/as componentes das alegorias, e a equipe do carro de som, composta por instrumentistas, intérpretes e os/as diretores/as de harmonia. Assim, partindo de uma observação participante e dançante e da utilização de entrevista semiestruturada, foco na reverberação de sambas-enredo afro-brasileiros pelo corpo comunitário. O objetivo é evocar o movimento do samba-enredo que é feito para ser cantado, dançado, batucado e brincado na avenida.

Palavras-chave: Samba-enredo. Enredo afro-brasileiro. Corporeidade. Escola de Samba. Salgueiro

PIMENTA, Vítor Gonçalves. **Salgueiro: a arte de cantar, dançar, batucar e brincar sambas-enredo afro-brasileiros**. *Aceno – Revista de Antropologia do Centro-Oeste*, 8 (18): 161-176, setembro a dezembro de 2021. ISSN: 2358-5587

¹ Doutorando em Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Antropologia (PPGA-UFF). Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense (2015). Graduado em Ciências Sociais pela UFF (2008).

Salgueiro: the afro-brazilian samba-plot's movement made to sing, dance, beat and play

Abstract: The community of Salgueiro's Samba School is a large group of bodies subdivided in different alas responsible by its settlement, which are: ala das baianas, the Old School wing, three couples of Master of Ceremony and Flag Bearer Lady, known as Mestre-Sala and Porta-Bandeira, the dancers wing, the percussionists and composers section, other samba-plot wings allegories floats, a team of musicians and singers broadcasted by a sound system truck and Harmony Directors. Applying semi structured interviews and observing as a dancing member as well, I focus my investigation on afro Brazilian samba-plots as an artefact reverberating through the community bodies in order to evoke the samba-plot's movement made to sing, dance, beat and play at Samba's Avenue.

Keywords: samba-plot; afro-brazilian plot-theme; corporeity; parade; samba school; Salgueiro.

Salgueiro: el arte de cantar, bailar, batir y jugar sambas-trama afro-brasileños

Resumen: En este trabajo, investigo el samba-trama como artefacto incorporado por el cuerpo de la comunidad de la escuela de samba Académicos do Salgueiro en la ciudad de Río de Janeiro. La comunidad se configura como un gran conjunto de cuerpos, que se subdivide en las distintas alas que integran la comparsa. La comparsa está formada por el ala de las baianas, el ala de la Velha Guarda, las tres parejas de "mestre-sala e porta-bandeira", el ala de los/as bailarinas pasistas, el ala de la batería, las alas que cuentan la trama de la escuela y, todavía, los componentes de las alegorías, el equipo del coche de sonido, composto por músicos e intérpretes, y los directores de armonía. Así, a partir de una observación participante y danzante, foco en la reverberación de sambas-enredo afrobrasileños por el cuerpo comunitario. El objetivo es evocar el movimiento de la samba-trama que se hace para ser cantado, bailado, batucado y jugado en la avenida.

Palabras clave: samba-trama; trama afrobrasileños; corporeidad; escuela de samba; Salgueiro.

No presente artigo, evoco o samba-enredo como uma espécie de artefato que é feito para ser entoado pelo corpo coletivo da escola de samba no dia do desfile. O samba-enredo é uma modalidade de samba que se configura em letra e melodia elaboradas por meio do resumo do enredo de uma escola de samba. Destaca-se no samba-enredo a relação entre o enredo escolhido a cada ano e a história da escola de samba. O samba-enredo, entre as espécies de samba, impressiona “porque não é lírica – no que contraria uma tendência universal da música popular urbana. E porque integra o maior complexo de exibições artísticas simultâneas do mundo moderno: o desfile das escolas de samba” (MUSSA e SIMAS, 2010: 9-10). O samba-enredo caracteriza-se por ser o hino oficial da escola de samba no dia do desfile. Marcado pelo seu gênero épico, ele narra poeticamente as grandes histórias escolhidas anualmente pelas escolas.

Essas histórias são cantadas, dançadas, batucadas e brincadas pelo grande “corpo comunitário” da escola de samba. O “corpo comunitário” configura-se como a vivência do corpo do componente associado aos outros corpos e às coisas que compõem a escola (GIL, 1980). Esse grande corpo é subdividido nas alas que compõem a agremiação. Em cada ala, dezenas de corpos, principalmente das alas da comunidade, trabalham o samba-enredo semanalmente, fazendo desse artefato uma obra incorporada ao corpo. O ato de incorporar o samba-enredo transforma esses corpos em uma grande voz comunitária, que reverbera as histórias das escolas de samba nas ruas da cidade. Ao discorrer sobre a relação dos/as componentes da escola de samba com o samba-enredo, busca-se compreender a agência do corpo que reverbera o samba-enredo em movimento a partir dos ensaios e desfiles da comunidade da escola de samba.

A análise aqui se assenta na observação participante e dançante, e da utilização de entrevista semiestruturada que foi experimentada na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro. A escola nasceu no Morro do Salgueiro, na cidade do Rio de Janeiro, e localiza-se na Serra da Carioca, Zona Norte carioca. O acesso principal ao morro se dá pela Rua General Roca, onde se inicia a Praça Sáenz Peña.

Sua população original, formada a partir dos primeiros anos após a abolição da escravidão, congrega muitas famílias negras oriundas do Vale do Paraíba e adjacências e foi, pelo menos até os anos de 1980, forte polo irradiador de tradições culturais de origem africana. (LOPES e SIMAS, 2015: 245)

O Salgueiro reverbera uma corporeidade afro-brasileira com seus movimentos potentes ao longo da sua história.

A minha postura corporal neste movimento etnográfico, aproxima-se daquela teoria e metodologia etnográfica que ficou conhecida como “desde dentro para desde de fora” (DOS SANTOS e DEOSCOREDES, 1977: 21 *apud* TAVARES, 2012: 28). Neste sentido, busquei caminhar no interior do corpo da escola, participando dos seus movimentos de construção do chão da escola, percebendo toda essa dinâmica por meio da afetividade com o grupo. Nessa caminhada metodológica, busquei questionar a minha corporeidade no interior da ala da comunidade da escola de samba. Realizei o exercício de colocar de lado o meu lugar de componente e acionar o meu lugar de pesquisador.

Nessa postura analítica, “desnaturalizei” minha prática como componente da ala da comunidade da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro. “O processo de

‘desnaturalizar’ solicita um processo de questionamento permanente sobre como cheguei a pensar as coisas que penso e a fazer as coisas que faço” (MARULANDA, 2018: 43). Se, antes, ir aos ensaios, era um momento de descontração dos movimentos, agora, tornou-se um momento de análise dos meus movimentos e dos movimentos de cada membro da ala. Em um movimento de “desnaturalização” desses movimentos, inicio uma análise sobre o samba-enredo a partir da perspectiva de que ele pode ser percebido como uma narrativa de testemunho histórica (SARLO, 2007) e como uma fonte histórica que captura momentos memoráveis de um povo (WISNIK, 1999). Além disso, busca-se perceber o samba-enredo como uma forma de expressão da existência da escola de samba.

Nesse movimento de observar a reverberação do samba-enredo pelas ruas da cidade, reverencio minha ancestralidade africana e afro-brasileira e os seus territórios, trazendo à tona os movimentos corporais daqueles que vieram antes de mim. Ao praticar esta postura metodológica, entendo a relação entre sujeito e “objeto” de forma relativa e a antropologia como uma área de conhecimento reflexiva. De acordo com Wagner (2012: 39), “o antropólogo usa sua própria cultura para estudar as outras, e para estudar a cultura em geral”. Não à toa, para o autor, o antropólogo é o profissional que é obrigado a incluir-se dentro da pesquisa, trazendo para sua reflexão seu modo de vida e, em última análise, acaba por investigar a si próprio.

Entretanto, não reivindico uma identidade de “nativo” puramente, mas, de certa forma, como um aprendiz, ajudo a construir o “chão” do Salgueiro, quando danço, canto e brinco com os demais corpos “nativos”. O caminho é buscar construir uma relação dialógica e intersubjetiva com os/as componentes da escola, reluzindo a possibilidade de encantamento na aproximação dos diferentes seres. Ao adotar uma postura dialógica neste trabalho, trago o diálogo para o primeiro plano. Assim, enfatizo a natureza cooperativa e colaborativa da situação etnográfica, em contraste com a ideologia do observador transcendental e rejeito a ideologia do “observador-observado”.

Em geral, a comunidade é formada pela ala, unidades básicas ou células organizacionais da escola de samba, das baianas, a ala da Velha Guarda, a ala dos compositores, os três casais de mestre-sala e porta-bandeira, a ala dos/as passistas, a ala da bateria, as alas que contam o enredo da escola e, ainda, os componentes das alegorias, a equipe do carro de som, formada por músicos e intérpretes e os/as diretores/as de harmonia. A comunidade em movimento corresponde ao “chão” da escola de samba, ou seja, um grande grupo de corpos, que se subdividem nas diversas alas que compõem a agremiação, responsável pelo assentamento da escola. Na concepção dos/as componentes, ter um “chão” forte é reunir um grupo de corpos identificados com o pavilhão da escola e com o samba. É viver, experimentar, ensaiar a construção da escola.

Nas escolas de samba, o samba-enredo encontra-se vivo nos corpos dos/as componentes, pulsando nas quadras e nas ruas da cidade (SODRÉ, 2002). Trago o samba-enredo como foco de análise, pois ele é trabalhado nos ensaios e nos desfiles semanalmente. Cada samba-enredo escolhido anualmente é exercitado ao longo dos meses antes do dia do desfile. Nessa atividade regular de ensaiar, cada componente constrói uma conexão profunda com o samba-enredo do ano ao cantá-lo, dançá-lo e brincá-lo inúmeras vezes. Na próxima seção, apresenta-se relação do “corpo comunitário” em movimento da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro e os enredos afro-brasileiros.

Salgueiro e enredo afro-brasileiro

Historicamente, o Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro foi revolucionário ao abordar os temas afro-brasileiros em seus desfiles desde a sua fundação. No seu primeiro desfile, em 1954, a escola apresentou *Romaria à Bahia*², trazendo o samba-enredo de Abelardo Silva, Eduardo de Oliveira (Duduca) e José Ernesto Aguiar.

*Festa amada e adorada
Abençoada pelo Senhor do Bonfim.
Ouvia-se o cateretê,
Cantava porque
Esta festa se tornou assim
Carnaval, fantasia
Lindas festas, de romaria
Apresentamos o que acontece na Bahia.
Lá-rá-lá-lá-rá-lá-lá-rá-lá (ter)
Ô, ô, Bahia
É a terra do coco
E da boa baiana do acarajé!
Ô, ô, ô, Bahia,
É a terra do samba
E de gente bamba
E do candomblé.
Bahia, Bahia,
Orgulho desta nossa melodia (bis).
Desde o tempo do imperador
Que esta festa se glorificou,
A maior que ainda existe
Até hoje na Bahia.
Por isso, em nosso enredo de carnaval
Prestamos esta homenagem
À terra santa de São Salvador.
Vejam, nossas baianas
Cantam assim:
Salve a Bahia
E o Senhor do Bonfim (bis).
(AUGRAS, 1998: 237)*

Com esse samba-enredo sobre a Bahia, os corpos dos componentes cantaram, dançaram, brincaram e batucaram a Bahia como território mítico do samba. O samba introduz “um saboroso vocabulário de origem africana: pela primeira vez a avenida ouvia palavras como *cateretê*, *acarajé* e *candomblé*. E vale lembrar que Senhor do Bonfim é menos Jesus Cristo que Oxalá” (MUSSA e SIMAS, 2010: 63, grifo meu). Com esse primeiro samba, percebe-se a força do samba-enredo entoado pelo corpo comunitário que apresenta pedagogicamente uma temática afro-brasileira. A pedagogia aqui é compreendida como a união dos distintos corpos que se juntam para performar o samba-enredo, cantando, dançando, brincando e batucando a história da *Romaria à Bahia*.

No ano seguinte, o Salgueiro apresenta o samba-enredo *Epopéia do samba*³ (1955) de João Nicolau Carneiro Filho (Bala), Eduardo de Oliveira (Duduca) e José Ernesto de Aguiar. Este samba-enredo destaca a luta do samba no Brasil de maneira pioneira. Antes de ser reconhecido como um símbolo da cidade, os corpos dos sambistas foram perseguidos e criminalizados pelas autoridades. Em

² Para ouvir o samba-enredo, ver, por exemplo, o site: <https://www.cifraclub.com.br/sambas/958850/letra/>. Para saber mais sobre o enredo, ver o site: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-salgueiro/1954/>.

³ Para ouvir o samba enredo e saber mais sobre o enredo, ver, por exemplo, os sites: <https://enegritudesalgueiro.blogspot.com/2018/11/academicos-do-salgueiro-1955-epopeia-do.html> e <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-salgueiro/1955/>.

1957, o Salgueiro traz o samba-enredo *Navio negreiro*⁴, de Djalma Sabiá e Amado Régis, e apresenta mais uma vez a temática afro-brasileira. O enredo retratou o poema *Navio negreiro*, de Castro Alves. O samba-enredo, sem utilizar o tradicional recurso da citação, “descreve o tráfico de escravos com uma melodia pungente, grave, fúnebre [...]. É um dos maiores sambas de todos os tempos, em termos estritamente musicais, com melodia sofisticadíssima e emocionante” (MUSSA e SIMAS, 2010: 64). O samba-enredo apresenta a literatura de Castro Alves, apresentando a escravidão como um processo de destruição dos corpos africanos.

Ao evocar essa primeira tríade de sambas-enredo do Salgueiro, destaca-se o pioneirismo da escola ao cantar a cultura afro-brasileira desde o começo de sua história. Não vamos aqui assinalar todos os sambas-enredo afro-brasileiros da escola. O intuito é sublinhar sua trajetória marcada por cantar, dançar, batucar e brincar a história do povo negro no Brasil, que atravessou vários contextos sociais e políticos.

Desde o samba-enredo de 1954, passando pelas décadas seguintes, até chegar ao ano de 2020, momento que escrevo esse trabalho, dezenas de sambas-enredo foram reverberados pelo corpo comunitário da escola de samba. Anualmente, cada samba-enredo é cantado inúmeras vezes nos cerca de sessenta a setenta minutos que dura um desfile atualmente. Se considerarmos que cada passagem do samba dura por volta de dois minutos, no fim da apresentação os corpos cantantes terão cantado mais de trinta vezes o samba-enredo da escola. Os milhares de corpos que compõem a comunidade cantam e dançam no ritmo do batuque da bateria, provocados pela energia dos/as diretores/as de harmonia da escola. Os/as diretores/as esperam que os corpos brinquem extrovertidos, cantando e dançando e mantendo o ritmo e a harmonia do samba-enredo e ainda atento a evolução da escola. A harmonia dos corpos dançando com movimentos potentes e cantando em uníssono o samba-enredo é algo marcante tanto para os corpos que fazem o chão da escola quanto para o público que assiste. “A palavra poética, cantada e vocalizada, ressoa como efeito de uma linguagem pulsional e mimética do corpo, inscrevendo o sujeito emissor, que a porta, e o receptor, a quem também circunscreve, em um determinado circuito de expressão, potência e poder” (MARTINS, 2003: 67). O samba-enredo entoado pelo “corpo comunitário” tem o poder de contagiar todos os corpos ao redor da manifestação cultural.

Nos últimos anos, o Salgueiro continua sua história de narrar e apresentar temáticas afro-brasileiras pelas ruas da cidade do Rio de Janeiro. Ao analisar a última tríade com a temática afro-brasileira, temos os sambas-enredo dos enredos *A Ópera dos Malandros* (2016), *Senhoras do Ventre do Mundo* (2018) e *Xangô* (2019), que expressam cada qual, uma história síntese, baseada na sinopse do enredo que tem o mesmo nome. O enredo é o “tema desenvolvido pela escola de samba nos desfiles competitivos de carnaval, o enredo é um dos quesitos ou itens em julgamento” (LOPES e SIMAS, 2015: 109). O samba-enredo conta o enredo de forma sintética, apresenta ao mundo do samba e ao público em geral uma visão de mundo dos compositores das escolas de samba, baseada na sinopse do enredo entregue pelo carnavalesco. O personagem carnavalesco é compreendido como aquele que realiza um enredo, descrevendo a história, roteirizando o desfile, desenhando cenários e figurinos, além de ser o “diretor geral” do espetáculo (CAVALCANTI, 1994; ABRE-ALAS, 2016). O/a carnavalesco/a é a figura voltada

⁴ Para ouvir o samba-enredo, ver, por exemplo, o site: <https://www.cifraclub.com.br/salgueiro-rj/710530/letra/>. Para saber mais sobre o enredo, ver o site: <http://www.galeriadosamba.com.br/escolas-de-samba/academicos-do-salgueiro/1957/>.

para a dimensão “alegórica”, “material”, “visual” do carnaval, ou seja, ele/a é o/a responsável por dar forma aos carros alegóricos e às fantasias.

Com licença poética à sinopse, os compositores criam com liberdade o samba-enredo, buscando iluminar os principais conceitos definidos no enredo. O samba-enredo é um gênero épico. “O único gênero épico genuinamente brasileiro – que nasceu e se desenvolveu espontaneamente, livremente, sem ter sofrido a mínima influência de qualquer outra modalidade épica, literária ou musical, nacional ou estrangeira” (MUSSA e SIMAS, 2010: 9-10). Os sambas-enredo trabalhados aqui expressam seu caráter nacional e carioca de contar essas histórias. Oficialmente, é no período de carnaval, festa marcada pela exaltação dionisiaca (folia) e apolínea (espetáculo), que as escolas de samba apresentam sua perspectiva de um enredo. Nesse ato de construção do enredo e samba-enredo, elas produzem um conhecimento histórico, estético e político sobre a temática proposta.

A cada enredo dezenas de sambas-enredo são produzidos pela ala dos compositores da escola. O que se percebe na avenida é o samba-enredo vencedor, ou seja, o samba-enredo escolhido pela direção e comunidade da escola, depois de uma intensa disputa entre dezenas de sambas-enredo, realizada semanalmente ao longo dos meses. O samba-enredo é trabalhado semanalmente pela comunidade da escola. Ele é cantado, dançado, batucado pela ala da bateria, brincado a cada encontro pelo corpo comunitário. Ele pouco a pouco vai sendo incorporado pelos/as componentes. Os primeiros ensaios começam na quadra. Eles são um preparatório para que os/as componentes aprendam a cantar o samba-enredo vencedor da disputa. Quando a maior parte dos/as componentes aprende a letra e música do samba-enredo, os ensaios tomam as ruas do bairro. Agora, o samba-enredo é entoado em uníssono fora do terreiro da escola. Ele toma as ruas da cidade semanalmente. Dessa maneira, o corpo comunitário apresenta publicamente o enredo do ano em forma de samba-enredo performado em desfile, que se move de um ponto (concentração) a outro ponto (dispersão), fazendo o chão afro-brasileiro da escola de samba (PIMENTA, 2020).

Vamos agora adentrar nos sambas-enredo *A Ópera dos Malandros* (2016), *Senhoras do Ventre do Mundo* (2018) e *Xangô* (2019), evocando-os a partir da relação com o “corpo comunitário” da escola. O samba-enredo *A Ópera dos Malandros* (2016) foi composto por Marcelo Motta, Fred Camacho, Guinga do Salgueiro, Getúlio Coelho, Ricardo Neves e Francisco Aquino. Nesse ano, os intérpretes foram Serginho do Porto e Leonardo Bessa.

*Laroiê, mojubá, axé!
Salve o povo de fé, me dê licença!
Eu vou pra rua que a lua me chamou
Refletida em meu chapéu
O rei da noite eu sou
Num palco sob as estrelas
De linho branco vou me apresentar
Malandro descendo a ladeira... Ê, Zé!
Da ginga e do bicolor no pé
“Pra se viver do amor” pelas calçadas
Um mestre-sala das madrugada*

*Ê, filho da sorte eu sou
Vento sopra a meu favor
Gira, sorte, gira, mundo, malandro deixa girar
Quem dá as cartas sou eu, pode apostar!* (bis)

*O samba vadio, meu povo a cantar
Dia a dia, bar em bar
Eis minha filosofia*

*Nos braços da boemia, me deixo levar...
Eu vou por becos e vielas
Chegou o barão das favelas
Quem me protege não dorme
Meu santo é forte, é quem me guia
Na luta de cada manhã, um mensageiro da paz
De larôs e saravás!*

*É que eu sou malandro, batuqueiro
Cria lá do morro do Salgueiro (bis)
Se não acredita, vem no meu samba pra ver
O couro vai comer!⁵*

O samba-enredo *Senhoras do Ventre do Mundo* (2018) teve a composição de Xande de Pilares, Demá Chagas, Dudu Botelho, Renato Galante, Jassa, Leonardo Gallo, Betinho de Pilares, Vanderley Sena, Ralfe Ribeiro e W. Corrêa. Os intérpretes que deram suas vozes a esse samba foram Leonardo Bessa, Tuninho Jr. e Hudson Luiz (Participações Especiais: Xande de Pilares e Zezé Motta).

*Senhoras do ventre do mundo inteiro
A luz no caminho do meu Salgueiro
A me guiar... Vermelha inspiração
Faz misturar ao branco nesse chão
Na força do seu ritual sagrado
Riqueza ancestral
Deusa raiz africana
Bendita ela é... E traz no axé um canto de amor
Magia pra quem tem fé
Na gira que me criou*

*É mãe, é mulher, a mão guardiã (bis)
Calor que afaga, poder que assola
No vale do Nilo, a luz da manhã
A filha de Zambi nas terras de Angola*

*Guerreira, feiticeira, general contra o invasor
A dona dos saberes confirmando seu valor
Ecoou no quariterê
O sangue é malé em São Salvador
Oh, matriarca desse cafundó
A preta que me faz um cafuné
Ama de leite do senhor
A tia que me ensinou a comer doce na colher
A bênção, mãe baiana rezadeira
Em minha vida seu legado de amor (ô, ô)
Liberdade é resistência
E à luz da consciência
A alma não tem cor*

*Firma o tambor pra rainha do terreiro
É negritude... Salgueiro (bis)
Herança que vem de lá (ô)
Na ginga que faz esse povo sambar⁶.*

O samba-enredo *Xangô* (2019) foi criado por Demá Chagas, Marcelo Motta, Renato Galante, Fred Camacho, Leonardo Gallo, Getúlio Coelho, Vanderlei Sena, Francisco Aquino, Guinga do Salgueiro e Ricardo Neves. Os intérpretes nesse ano foram Emerson Dias e Quinho.

*Vai tropejar!!!
Abram caminhos pro grande Obá
É força, é poder, o Aláàfin de Oyó*

⁵ Disponível em: < <http://www.apoteose.com/carnaval-2016/academicos-do-salgueiro/>>. Acesso em: 16 fev. 2019.

⁶ Disponível em: < <http://www.apoteose.com/carnaval-2018/academicos-do-salgueiro/>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

*“Oba Ko so!” ao Rei Maior
É pedra quando a justiça pesa
O Alujá carrega a fúria do tambor
No vento a sedução (Oyá)
O verdadeiro amor (Ora iê iê ô)
E no sacrifício de Obà (Obà xi Obà)
Lá vem Salgueiro!*

*Mora na pedreira, é a lei na terra
Vem de Aruanda pra vencer a guerra (bis)
Eis o justiceiro da Nação Nagô
Samba corre gira, gira pra Xangô*

*Rito sagrado, ariaxé
Na igreja ou no candomblé
A bênção, meu Orixá!
É água pra benzer, fogueira pra queimar
Com seu oxê, “chama” pra purificar
Bahia, meus olhos ainda estão brilhando
Hoje marejados de saudade
Incorporados de felicidade
Fogo no gongá, salve o meu protetor
Canta pra saudar, Obanixé kaô!
Machado desce e o terreiro treme
Ojuobá! Quem não deve não teme!*

*Olori Xangô eieô
Olori Xangô eieô (bis)
Kabecilê, meu padroeiro
Traz a vitória pro meu Salgueiro!⁷*

Aqui, considera-se que os enredos escolhidos anualmente pelas escolas são estético-políticos. Os temas afro-brasileiros apresentados pela escola de samba Acadêmicos do Salgueiro trazem à tona essas marcas culturais afro-brasileiras que constituem a identidade brasileira. Ao performar o enredo, o “corpo comunitário” da escola de samba dança, canta, batuca e brinca o samba-enredo. Nesse movimento de fazer o samba-enredo acontecer na avenida, a escola de samba ensina ao público que a sua pedagogia se encontra em uma vivência compartilhada de corpos, onde um corpo sente o outro corpo, onde um corpo canta o outro corpo, onde um corpo dança o outro corpo (SENGHOR, 1982), onde corpos se conectam uns aos outros na experiência dinâmica, vital, de conhecer e compreender o mundo a partir de seus corpos dançantes, que brincam de reverberar o samba-enredo para o mundo.

Nesse processo de reverberação do samba-enredo, o “corpo comunitário” pratica uma “coreopolítica” (LEPECKI, 2011) que respeita sua existência corporal e que tem a consciência que a dimensão cotidiana e a dimensão cósmica estão interconectadas. O corpo configura-se como um microcosmo, interligado ao macrocosmo (TAVARES, 2012). É uma concepção de “estar-no-mundo” “da recusa de separação absoluta entre o dentro (o corpo) e o fora (o mundo), que leva a uma dimensão transbordante quanto às estruturas da representação restrita a palavras” (SODRÉ, 2017: 81). Quando o “corpo comunitário” canta um samba-enredo, mais do que expressar palavras, ele reverbera uma corporeidade assentada na relação concreta entre os seres e a natureza.

Os corpos em movimento reverberam o chão afro-brasileiro que os constituem e transformam o espaço de circulação em espaço de presença. Agindo politicamente, exercitam a política da diferença e praticam sua estética afro-brasileira. Dialogando com o terreiro (o *egbé*), o dever político para com a comunidade

⁷ Disponível em: < <http://www.apoteose.com/carnaval-2019/academicos-do-salgueiro/>>. Acesso em: 17 fev. 2019.

e os valores éticos (a continuidade dos princípios fundadores) se revelam no exercício de fazer a escola com os corpos em movimento. Essa comunidade gera uma nova subjetivação, “o primado rítmico do existir, o poder afetivo das palavras e ações, a potência de realização das coisas, as relações interpessoais concretas [...], o paradigma comunitário, a alegria frente ao real e o reconhecimento do aqui e agora da existência [grifo do autor]” (SODRÉ, 2017: 100). O “corpo comunitário” das escolas de samba vem produzindo ao longo da sua história uma política que organiza “a reciprocidade dos seres diferentes em comunidade, ou seja, política como prática de estar junto, ao lado da luta pela inclusão, no mundo comum, de excluídos históricos” (SODRÉ, 2017: 172). O ensinamento do samba-enredo cantando em uníssono pelo “corpo comunitário” é justamente mostrar ao mundo a potência e o encantamento da reciprocidade possível dos diferentes corpos em uma escola de samba.

Percebe-se a partir da performance do samba-enredo que qualquer escola de samba, independente do enredo que leve para a avenida, reverbera as raízes e os conhecimentos do chão afro-brasileiro quando apresenta uma existência que une corpo e cosmos. Essa existência se intensifica quando o enredo tem a temática afro-brasileira, quando a maioria dos componentes reverbera a cosmologia da existência da população negra. O Salgueiro carrega em sua existência o pioneirismo de cantar, dançar, batucar e brincar a cultura afro-brasileira desde o início de sua história. “O Salgueiro, diferente que era, foi buscar nossas raízes ancestrais para elevar o negro ao papel de protagonista do espetáculo e abrir o portal de um infindável leque de histórias para contar nos desfiles das escolas de samba” (ABRE-ALAS, 2019: 186). Esses enredos afro-brasileiros expressam a existência identitária da escola de samba Acadêmicos do Salgueiro.

Samba-enredo, o artefato do conhecimento incorporado

O enredo e samba-enredo “A Ópera dos Malandros”⁸ leva para a avenida personagens anônimos que encenam modos de vida típicos da malandragem. “Sob a proteção dos exus, senhor que abre todos os caminhos, o povo de rua pede licença para apresentar o Malandro que existe em cada um de nós” (ABRE-ALAS, 2016: 63). O enredo traz a noite como cenário, “quando as ruas da cidade se transformam em grandioso palco sob as estrelas, onde atuam os Malandros que habitam a alma de mendigos, meretrizes, travestis, enfim, todos os tenores, sopranos, contraltos e barítonos desse maravilhoso espetáculo noturno”⁹. O enredo é uma adaptação livre e carnalizada da *Ópera do Malandro*, de Chico Buarque de Holanda, e inspira-se na *Ópera dos Três Vinténs*, de Bertold Brecht e Kurt Weill, e *A Ópera dos Mendigos*, de John Gay como fez Chico Buarque.

Um enredo sobre os Malandros reverbera alto no corpo social e na alma mística de uma escola de samba. A identificação direta do sambista com o personagem foi fundamental para trazer para a avenida temas e situações relacionadas a essa figura tão presente no imaginário carioca e brasileiro. Por isso, o Salgueiro se lançou de corpo e espírito nessa história que nos leva a desfilar por aspectos sociais, culturais, históricos e religiosos dos Malandros, que guardam em si um pouco de cada um de nós. (ABRE-ALAS, 2016: 63-64)

⁸ Ficha Técnica: Enredo – *A Ópera dos Malandros*. Carnavalesco – Renato Lage e Márcio Lage. Autor/es da Sinopse do Enredo – Diretoria Cultural do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro. Elaborador/es do Roteiro do Desfile – Diretoria de Carnaval, Diretoria de Harmonia e Diretoria Cultural do G.R.E.S. Acadêmicos do Salgueiro.

⁹ Ibid.

O enredo e samba-enredo *A Ópera dos Malandros* traz os desafios vividos por essa figura emblemática da cultura brasileira. Uma figura que domina as ruas como poucos. Um personagem que sabe driblar com habilidade as dores do cotidiano. Aquele que carrega a malícia no corpo e que brinca com os prazeres e dilemas da vida.

O enredo e samba-enredo *Senhoras do Ventre do Mundo*¹⁰ apresenta a mulher negra como protagonista, considerando-a, verdadeiramente, “Matriarca da Humanidade”.

Estudos demonstram que historicamente, o papel desempenhado pelas mulheres na África, foi de fundamental importância nas organizações sociais, sistemas de curas e cuidados com a saúde, estética, construção civil, religiosidade, sistemas econômicos e nos valores filosófico e moral, contidos nas estruturas civilizacionais africanas. Este conhecimento é encontrado até hoje, mesmo na diáspora, através das tradições religiosas de matriz africana, nos hábitos e costumes populares, nos jogos e brincadeiras de origem cultural negra. (ABRE-ALAS, 2018: 187)

O enredo e samba-enredo demonstram a importância dessas mulheres negras na história e no desenvolvimento das civilizações. “Este matriarcado, que antecede qualquer luta feminista iniciada na década de 1960, demonstra que a luta das mulheres negras, traz em si a marca de libertação de um povo que foi subjugado e condenado à escravização” (ABRE-ALAS, 2018: 189). Elas são apresentadas como grandes lideranças que organizaram os movimentos de resistência contra o processo de escravização, a construção das religiões de matrizes africanas, a estruturação comunitária das favelas. “As mulheres negras têm lutado, resistido, se adaptado e construído um mundo melhor para a comunidade negra em nosso país” (ABRE-ALAS, 2018: 189).

O enredo e samba-enredo Xangô¹¹, assentado no candomblé, apresenta o Senhor da Justiça em vários prismas, passando pelo mito de Xangô até os dias de hoje, com a proteção do orixá em tempos sombrios, em que a justiça se faz necessária.

Sàngó, Rei absoluto, forte, imbatível, Aláàfin Òyó, o Homem do Palácio; o grande Obá, o grande Rei. Batam cabeça pro Orixá dos raios, trovões e do fogo. “Senhor do Raio” ou “Senhor das Almas”. Viril e atrevido, violento e justiceiro; implacável com os mentirosos, os ladrões e os malfeitores. Xangô é a representação máxima do poder de Olorum. O desafio é feito sempre para confirmar seu poder. O seu machado duplo, seu Oxê, é o símbolo da imparcialidade. É uma divindade da vida, representado pelo fogo ardente e por essa razão não tem afinidade com a morte e nem com os outros orixás que se ligam à morte. (ABRE-ALAS, 2019: 184).

O enredo e samba-enredo *Xangô* são a cara do Salgueiro. Xangô e Salgueiro estão ligados de maneira profundamente encantada. “Xangô é o padroeiro do Morro do Salgueiro (que está situado sobre uma pedreira, um dos símbolos do Orixá); suas cores são o vermelho e o branco, as mesmas dos Acadêmicos do Salgueiro” (ABRE-ALAS, 2019: 186). Assim, o Morro do Salgueiro e o Senhor dos Raios e Trovões se confundem. Eles estão amalgamados em um mesmo chão. “A Furiosa Bateria tem, por tradição, a batida do alujá, o toque sagrado de Xangô; e um dos ícones da história da agremiação o professor Júlio Machado desfilou durante 37 carnavais vestido como Xangô. Xangô do Salgueiro” (ABRE-ALAS, 2019:

¹⁰ Ficha Técnica: Enredo – *Senhoras do Ventre do Mundo*. Carnavalesco – Alex de Souza. Autor/es do Enredo – Dr. Júlio Tavares, Kaká Portilho, Marina Miranda e alunos do curso de História Geral da África – Instituto Hoju. Autor/es da Sinopse do Enredo – Alex de Souza. Elaborador/es do Roteiro do Desfile – Alex de Souza.

¹¹ Ficha Técnica: Enredo – *Xangô*. Carnavalesco – Alex de Souza. Autor/es do Enredo – Alex de Souza. Autor/es da Sinopse do Enredo – Alex de Souza. Elaborador(es) do Roteiro do Desfile – Alex de Souza.

186). Falar de Xangô para os/as salgueirenses é narrar sua própria existência como escola de samba.

Como se percebe, anualmente, esses sambas-enredo, conjuntamente com os enredos, contam histórias afro-brasileiras e reconhecem o valor do negro na cultura brasileira. Ao valorizar o negro, o Salgueiro se coloca como uma escola que ensina e emana a cultura afro-brasileira ao próprio componente, ao povo brasileiro e aos estrangeiros em geral que assistem, tanto ao vivo na avenida, quanto pela transmissão de televisão.

*Porque o nome do Carnaval, Grêmio Recreativo Escola de Samba, ela traz um ensinamento, que é a escola é pra ensinar, então ela ensina através do samba, então ela tá trazendo, as pessoas pensam que a escola de samba é pra ensinar a samba. Não! Tem uma cultura ali, tem um conhecimento, ali. Como agora do **Quariterê** [grifo meu], que a gente não sabia que era um dos últimos quilombos que existiu no Brasil. Eu fui descobrir por que, através do enredo do Salgueiro. (José Rodrigues, 44 anos, negro, 10 anos desfilando no Salgueiro, morador do bairro Grajaú)*

O componente José Rodrigues aponta a escola de samba como lugar de conhecimento. Ele verbaliza o processo de aprendizagem da palavra “*quariterê*” presente no samba-enredo *Senhoras do Ventre do Mundo – “Guerreira, feiticeira, general contra o invasor / A dona dos saberes confirmando seu valor / Ecoou no quariterê / O sangue é malê em São Salvador”*, que se refere a um quilombo brasileiro. “O Quilombo do Quariterê surgiu no atual estado do Mato Grosso, por volta de 1750. Foi criado por negros que conseguiram fugir das senzalas da região e indígenas que sobreviveram às bandeiras” (ABRE-ALAS, 2018: 207). A líder do quilombo era Tereza de Benguela (atualmente uma província de Angola), uma mulher negra que criou um sistema político próximo do parlamentarismo. Dessa maneira, apesar de ser a rainha do quilombo, suas decisões eram submetidas a um conselho.

Seguindo o mesmo caminho, outros componentes aprenderam o significado do termo “*obá*”, existente no samba-enredo *Xangô*, conversando uns com outros/as nos ensaios semanalmente. Ao cantarem: “*Vai tropejar!!! / Abram caminhos pro grande Obá / É força, é poder, o Aláàfin de Oyó / “Oba Ko so!”[“O Rei não se enforcou’ em Iorubá] ao Rei Maior*” e perceberem o desconhecimento do vocábulo, os/as componentes começaram a indagar sobre seu significado. Um/a componente responde que *obá* significa rei em iorubá. Outro/a componente complementa que *Xangô* foi o quarto *Obá* do Império de *Oyó*. Assim, os/as componentes aprendem trocando saberes, por exemplo, da cultura iorubana, uma vez que muitos pertencem às religiões de matriz africana. Todos/as aprendem com a escola que *Xangô*, também conhecido como Senhor dos Raios e dos Trovões, foi o grande Rei do império de *Oyó*. O Rei maior está vivo e será saudado no desfile do Salgueiro (ABRE-ALAS, 2019).

Em 2016, com o enredo *Ópera dos malandros*, o samba-enredo traz em sua letra os termos “*Laroiê*”, “*Mojubá*” e “*axé*”, despertando o interesse dos/as componentes do Salgueiro. “*Laroiê, Mojubá, axé! / Salve o povo de fé, me dê licença! / Eu vou pra rua que a lua me chamou / Refletida em meu chapéu / O Rei da noite eu sou*”. Mais uma vez, aqueles que são fiéis da umbanda, do candomblé, das macumbas descreveram os vocábulos para aqueles que estão mais distantes das práticas das religiões de matriz africana presentes no solo brasileiro. “*Laroiê*” e “*Mojubá*” são “formas de saudar a entidade”, e “*axé*” é a “força vital necessária para que tudo aconteça”. “*Laroiê*” é uma interjeição de saudação a Exu, do iorubá *La-*

róye, um dos nomes de Exu (LOPES, 2011: 390). “*Mojubá*” é uma forma de saudação e reverência, dirigida pelos fiéis aos orixás. Do iorubá *mo júbá*, “eu [te] reconheço como superior”¹². Axé é um termo:

De origem iorubá que, em sua acepção filosófica, significa a força que permite a realização da vida, que assegura a existência dinâmica, que possibilita os acontecimentos e as transformações. Entre os iorubanos (*àse*), significa lei comando, ordem – o poder como capacidade de realizar algo ou de agir sobre uma coisa ou pessoa -, e é usado em contraposição a *agbara*, poder físico, subordinação de um indivíduo a outro por meios legítimos ou ilegítimos. (LOPES, 2011: 85)

No samba-enredo, o malandro é saudado em *Mojubás* e *Laroiês*, é o próprio personagem que canta a sua gira e faz o mundo girar com a força dinâmica do axé. A obra traz as crenças e a divinização dos malandros, cultuados em terreiros espalhados pelo país. Entidades como Zé da Ginga, Zé Pelintra, Exu Giramundo, Pombas Giras e outras variações são abordadas no carnaval do Salgueiro. A escola faz uma saudação ao povo de rua. “A saudação ao povo de rua presente nesse desfile não poderia prescindir da apresentação dessas entidades tão louvadas pelos sambistas, especialmente nestes tempos em que a liberdade religiosa é violada no Brasil em diversos episódios recentes de intolerância” (ABRE-ALAS, 2016: 66). Nesse movimento de saudar as entidades, os corpos dos componentes transformam a Passarela do Samba em um espaço encantado que reverbera a existência afro-brasileira.

Nesse processo de encantamento do espaço, os gestos e a voz comunitária ao verbalizar o samba-enredo sacralizam a Rua Marquês de Sapucaí, no sentido que esses movimentos reivindicam um espaço-tempo sagrado (ZUMTHOR, 1997). Em outras palavras, os corpos que cantam o samba-enredo dançando e brincando reverenciam a cultura do movimento dos antepassados que tiveram no primeiro desfile oficial do Grêmio Recreativo Escola de Samba Acadêmicos do Salgueiro no enredo *Romaria à Bahia*, e até mesmo antes, e marcam sua existência no território da cidade do Rio de Janeiro. Esses gestos e ritmos particulares são marcados por utilizar “a descontinuidade do torso em requebros, remelexos, gingas, rebolados, etc.” (LIGIÉRO, 2011: 132). O samba-enredo é reverberado com o canto, a dança, o batuque, o axé, brincando sobre o asfalto das ruas, navegando entre o visível e o invisível, como expresso nos versos do samba-enredo.

Vamos cantá-los mais uma vez. “*Laroiê, mojubá, axé! / Salve o povo de fé, me dê licença! / Eu vou pra rua que a lua me chamou / Refletida em meu chapéu / O rei da noite eu sou*” (Trecho do samba-enredo de 2016). “*Na força do seu ritual sagrado / Riqueza ancestral / Deusa raiz africana / Bendita ela é... E traz no axé um canto de amor / Magia pra quem tem fé / Na gira que me criou*” (Trecho do samba-enredo de 2018). “*Fogo no gongá, salve o meu protetor / Canta pra saudar, Obanixé kaô! / Machado desce e o terreiro treme / Ojubá! Quem não deve não teme*” (Trecho do samba-enredo de 2019).

Nesse movimento de cantar, dançar, bater e brincar sambas-enredo afro-brasileiros, esses corpos se reconectam com a africanidade constitutiva de si e reivindicam uma presença afro-brasileira no mundo e fazem dos sambas-enredo materialidades agenciadas pelo corpo em movimento.

¹² Ibid., p. 458.

Como se percebe, o samba-enredo é uma obra que é materializada no “corpo comunitário” da escola de samba. Essas histórias em forma de samba são cantadas, dançadas, batucadas e brincadas pelos corpos que compõem a escola de samba. Anualmente, cada samba-enredo é trabalhado pela comunidade ao longo dos meses, até o dia derradeiro do desfile. Nesse movimento de cantar, dançar, batucar e brincar o samba-enredo semanalmente, os corpos estabelecem uma relação profunda com esse artefato poético. A cada encontro com o samba-enredo, os corpos vão incorporando sua letra, melodia, poesia etc. “Como sopro, hálito, dicção e acontecimento performático, a palavra proferida e cantada grafa-se na performance do corpo, portal da sabedoria” (MARTINS, 2003: 67). Samba-enredo e corpo vão se amalgamando e se potencializando a cada passagem. Nesse exercício de incorporar o samba-enredo, os corpos em movimento reverberam as histórias da escola de samba pelas ruas da cidade.

Na tríade de sambas-enredo evocados neste trabalho, a escola de samba se apresenta como uma instituição de disseminação de conhecimento ao reverberar as histórias dos enredos. Os corpos quando ecoam os termos “Quariterê”, “obá”, “Laroiê”, “Mojubá” e “axé” presentes nos sambas-enredo analisados aqui apresentam outras formas de existir no mundo. Nessa perspectiva de contar enredos afro-brasileiros, a escola de samba Acadêmicos do Salgueiro é o lugar de novas agências, existências e de resistência que reconhece a importância ancestral do negro na história brasileira. “A cultura negra vem funcionando como uma fonte permanente de resistência a dispositivos de dominação e, também, como mantenedora do equilíbrio emocional do negro no Brasil” (THEODORO, 2018: 124). Cantar, dançar, tocar e brincar um samba-enredo, principalmente com temática afro-brasileira, é lutar contra o racismo, contra a intolerância religiosa e contra a injustiça cognitiva/social existente no Brasil.

Em outras palavras, o “corpo comunitário” ao reverberar um samba-enredo afro-brasileiro luta contra uma “injustiça cognitiva” (MENESES, 2009) para existir como corpo pensante a cada encontro, passando por aquilo que Sousa Santos (2009) denomina “ecologia de saberes”, ou que Walter Mignolo (2008) aclama como “desobediência epistêmica”. Nessa construção de outros conhecimentos por meio dos corpos em movimento, o Salgueiro e as demais escolas de samba demonstram semanalmente serem instituições de saberes que vem enfrentando a “colonialidade do poder” (QUIJANO, 2009) que mantém o padrão universal do capitalismo eurocentrado. Ao contar a história do negro de maneira crítica e reverberar a cultura afro-brasileira por meio dos sambas-enredo, a escola se torna um locus de saber, expressando outras subjetividades, outra epistemologia, ou seja, outra forma de existir e pensar o mundo.

Ao reverberar os sambas-enredo afro-brasileiros, os corpos em movimento constroem o chão afro-brasileiro do Salgueiro e resplandecem uma pedagogia do encontro harmônico entre múltiplos corpos.

Referências

- ABRE ALAS. *Domingo – Carnaval 2016*. Rio de Janeiro: LIESA, 2016.
- ABRE ALAS. *Domingo – Carnaval 2019*. Rio de Janeiro: LIESA, 2019.
- ABRE ALAS. *Segunda – Carnaval 2018*. Rio de Janeiro: LIESA, 2018.
- AUGRAS, Monique. *O Brasil do Samba Enredo*. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
- BITTER, Daniel. Narrativas de memória e performances musicais dos judeus cariocas da “Pequena África”, Rio de Janeiro. *Antropolítica: Revista Contemporânea de Antropologia*, 39 (2): 121-149, 2015.
- CAVALCANTI, Maria Laura. *Carnaval carioca: dos bastidores ao desfile*. Rio Janeiro: FUNARTE/UFRJ, 1994.
- DOS SANTOS, Juana Elbein; DEOSCOREDES, Maximiliano. “A religión y a cultura negra”. In: *África em América Latina*. México: UNESCO y Siglo Veintiuno editores, 1977.
- LIGIÉRO, Zeca. *Corpo a corpo: estudo das performances brasileiras*. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
- LOPES, Nei. *Enciclopédia brasileira da diáspora africana*. 4. ed. São Paulo: Selo Negro, 2011.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz Antonio. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
- MARTINS, Leda. Performances da oralitura: corpo, lugar da memória. *Letras*, 26: 63-81, 2003.
- MARULANDA, Daniela Botero. “Como se estuda uma dança? Desenvolvimento e Perspectivas da Antropologia da Dança”. In: CAMARGO, Giselle. (org.). *Antropologia da Dança IV*. Florianópolis: Editora Insular, 2018.
- MENESES, Maria Paula. “Injustiça cognitiva”. In: HESPANHA, Pedro *et al.* (org.). *Dicionário Internacional da Outra Economia*. Coimbra: Edições Almedina, 2009.
- MIGNOLO, Walter. Desobediência Epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. *Cadernos de Letras da UFF*, 34: 287-324, 2008.
- MUSSA, Alberto; SIMAS, Luiz Antonio. *Samba de enredo: história e arte*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.
- PIMENTA, Vítor. “Reverberações do chão afro-brasileiro em movimento na escola de samba Acadêmicos do Salgueiro”. In: TAVARES, Júlio Cesar de (org.). *Gramáticas das corporeidades afrodiáspóricas: perspectivas etnográficas*. 1ed. Curitiba: Appris, 2020. pp. 63-89.
- QUIJANO, Aníbal. “Colonialidade do Poder e Classificação Social”. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Editora Almedina, 2009.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. Para além do Pensamento Abissal: das linhas globais a uma ecologia de saberes. In: SANTOS, Boaventura de Sousa; MENESES, Maria Paula (Org.). *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Editora Almedina, 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SENGHOR, Léopold. Sobre a negritude. *Diógenes*, 2: 73-74, 1982.

SODRÉ, Muniz. *O terreiro e a cidade: a forma social negro-brasileira*. Rio de Janeiro: Imago; Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 2002.

SODRÉ, Muniz. *Pensar nagô*. Petrópolis: Vozes, 2017.

TAVARES, Julio Cesar de. *Dança de guerra – arquivo e arma: elementos para uma Teoria da Capoeiragem e da Comunicação Corporal Afro-brasileira*. Belo Horizonte: Nandyala, 2012.

THEODORO, Helena. *Martinho da Vila: reflexos no espelho*. Rio de Janeiro: Pallas, 2018.

WAGNER, Roy. *A invenção da cultura*. São Paulo: CosacNaify, 2012.

WISNIK, José Miguel. *O som e o sentido*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

ZUMTHOR, Paul. “Presença do corpo”. In: ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. São Paulo: Editora HUCITEC, 1997. pp. 203-217.